

CINEMATECA PORTUGUESA- MUSEU DO CINEMA
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L.C.BARRETO PRODUÇÕES
6 de Novembro de 2024

O QUATRILHO/ 1995

Um Filme de Fábio Barreto

Um Filme de Fábio Barreto/ Argumento: Leopoldo Serran, segundo o romance de José Clemente Pozenat/ Fotografia: Felix Monti/ Montagem: Mair Tavares/ Música: Caetano Veloso/ Direcção Artística: Paulo Flaksman/ Intérpretes: Gloria Pires, Patricia Pillar, Bruno Campos, Alexandre Paternost, Gianfrancesco Guarnieri, Cecil Thire, Claudio Mamberti, José Lewgoy, António Carlos Pires.

Produção: Produções Cinematográficas L.C. Barreto Ltda / Cópia: DCP/ colorida / com legendas em inglês / Duração: 114 minutos / Estreia em Portugal: Quarteto, em 22 de Novembro de 1996.

Com a presença de Julia Barreto.

Depois de **Dona Flor e Seus Dois Maridos** reencontramos neste ciclo a "família" Barreto, Luiz Carlos Barreto, produtor e Fabio (em "substituição" de Bruno). Bruno e Fábio, dois irmãos prendados por Dona Fortuna que os fez autores dos maiores sucessos comerciais brasileiros em duas épocas diferentes: Bruno em 1976 com o citado **Dona Flor** e Fábio com este **Quatrilho**, que foi, inclusivé, nomeado para o Oscar de melhor filme estrangeiro. Há ainda algo que os dois irmãos partilham: a exploração para os seus filmes de um modelo televisivo. Mas uma diferença acentua-se do primeiro para o segundo. Enquanto Bruno Barreto com o seu **Dona Flor e Seus Dois Maridos** se submetia incondicionalmente àquele modelo (como referimos na "folha" daquele filme), **O Quatrilho** representa uma tentativa de "superação", que sem abdicar dele, tenta conciliá-lo com critérios mais exigentes, mais "artísticos" (mesmo que este termo possa ser tomado, apressadamente, de forma pejorativa).

O Quatrilho (ou **O Qu4trilho**, tal como consta do genérico) adapta um best-seller local de José Clement Pozenat, tendo como tema a história de dois casais "trocados" e por pano de fundo Rio Grande do Sul na segunda década deste século. O Brasil foi como os Estados Unidos (evidentemente em menor escala) um dos destinos da imigração nas primeiras décadas do século XX, sendo o fluxo de tal modo sugestivo, que um dos primeiros decretos de Getúlio Vargas ao se tornar presidente em 1934 foi estabelecer um sistema de quotas como tinham feito os EUA na década anterior, num caso como no outro consequência da crise económica. Rio Grande do Sul foi um dos pólos de atracção para os imigrantes de origem italiana e é no meio dela que decorre a acção de **O Quatrilho**. A imagem de uma cidade em construção dá ao filme por vezes uma atmosfera de "western", género que invariavelmente é "copiado" por países novos onde se registou um boom semelhante e situação histórica parecida. Eis um tema que seria bastante curioso abordar, pois nos leva, através de um género e de variações à sua volta (e não me refiro a "adulterações" como o western-spaghetti, choucroute e

outras "paellas") a latitudes tão diferentes como a África do Sul (**Diamond City, The Hellions**), a Austrália (**Ned Kelly, Robbery Under Arms**), inclusivé a Nova Zelândia. O tema do "cangaço" é, no Brasil, apenas uma das perspectivas possíveis (que não tem nada a ver com a paródia idiota da "chanchada" de **Matar ou Correr**). Mas no caso de **O Quatrilho** isso é apenas paisagem para uma parte da história. Esta, no fim de contas, tem essencialmente a ver com o melodrama romântico que decorre no meio da comunidade de emigrantes italianos, aqui sob o império da influência da telenovela. Sublinhe-se desde já o que desta tem o filme de pior, e que são os personagens masculinos, não só estereotipados mas, por vezes, bastante ridículos, especialmente Bruno Campos com o seu ar afectado. Mas o que estes têm de medíocre é compensado pelas personagens femininas, onde se destaca Gloria Pires, cuja energia (que a leva a enfrentar a própria igreja pelo seu direito á felicidade) compensa a segura de formas, e a sensual Patricia Pilar.

O Quatrilho é o nome de um jogo, onde, de certo modo, é preciso perder para ganhar. E é à volta desta ideia que gira todo o filme. Os dois pares Angelo/Teresa e Massimo/Pierina revelam-se "mal casados" e o trabalho em comum acaba por impor a "troca" conforme se vão conhecendo. Isto não se faz sem dores e conflitos com a ordem, mas a conclusão do filme mostra-nos que era a única atitude acertada.

Contudo, a opção nada tem de "subversivo", como essa mesma conclusão indirectamente acaba por sublinhar. No caso do filme é até bastante "conformista", impondo a aceitação de uma outra ordem. Mais do que a questão do "desejo" é a de "identidade social". Quando os pares trocados se acomodam, e o tempo passa sobre eles, verifica-se que cada um está conforme o meio em que vive, na cidade e no campo. É a "filosofia" mais reaccionária de "cada macaco no seu galho". Contudo, **O Quatrilho** é bastante sugestivo principalmente pela forma como a história é contada ou, para voltar ao começo, pelo que representa de uma tentativa de impor um estilo narrativo algo diferente do que o dominante contaminado pelas telenovelas. Só por isso valerá a pena descobrir o trabalho de Fabio Barreto.

Manuel Cintra Ferreira